

MARCEL DETIENNE: HELENISMO, COMPARAÇÃO E REFLEXÕES NO CONTEXTO NACIONAL

Maria Elizabeth Bueno de Godoy¹
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Gustavo de Andrade Durão²
Programa de História Social da Cultura
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Recebido: 17/08/2016
Aprovado: 05/11/2016

Resumo: Com base nas numerosas interpretações de Marcel Detienne, pensa-se neste artigo novas formas de se analisar o conceito de *autoctonia* (tão caro aos estudos da antiguidade clássica), a comparação enquanto método e quais são os perigos do nacional nas análises comparadas. Por isso, destacamos parte da trajetória de Detienne no seu trabalho interdisciplinar de helenista, historiador e cientista social por excelência. Através da interpretação de algumas produções do autor, sublinhamos as análises mais relevantes que auxiliaram na condução de métodos, reflexões e análises delineadoras acerca do ofício do historiador.

Palavras-chave: Marcel Detienne; Comparativismo; História Comparada.

MARCEL DETIENNE: HELENISM, COMPARISON AND REFLECTIONS ON THE NATIONAL MATTER

Abstract: Based on Marcel Detienne's numerous interpretations this paper aims at the discussion of new ways of thinking the concept of *authoctony* (so precious to the Classics), the comparison as a method, and which are the perils of national in the comparative analysis. Therefore it highlights part of Detienne's path in his interdisciplinary work as a helenist, historian and social scientist *par excellence*. Aiming at some of the author's works, its effort is to bring up the most relevant analysis which have helped in the method's guidance, the reflexions and the establishing analysis of the historian's work.

Keywords: Marcel Detienne; Comparativism; Comparative History.

Introdução

Dos helenistas consagrados no percurso das primeiras vozes atribuídas aos, assim definidos, *gregos*, também *helenos*, e numa perspectiva mais ampla, *antigos*, a obra de Marcel Detienne figura neste século atual, e nas páginas desta reflexão, o encontro de confluências teóricas e de profícuas trocas nos campos da etnologia, história e antropologia. Encontro íntegro em suas aproximações e afastamentos, de uma perspectiva sempre convidativa aos seus leitores.

¹ E-mail: mariebueno70@gmail.com.

² E-mail: gdurao@outlook.com.

Nascido em 1935, o historiador belga agrega às facetas múltiplas de seu ofício entre autor, pesquisador, Professor Emérito da Universidade John Hopkins e diretor de estudos das tradições *religiosas* da Grécia antiga na *Écoles Pratique des Hautes Études*, de Paris,³ a perspectiva estruturalista da análise da vida social e espiritual dos gregos no percurso dos saberes que compõem a razão ocidental, e a abordagem comparatista, proposta consolidada em sua trajetória mais recente.⁴

A sensação passada ao leitor e estudioso de sua escrita é que sua obra está em constante movimento: flexível, curiosa, sempre referenciada às práticas que os gregos estabeleceram em sua busca pelo conhecimento, sem romper com a tradição mítica, poética e lírica, percurso que se funde na própria busca da compreensão do homem de si, em sua relação com o outro e com aquilo que define sua experiência social.

Entre sua vasta obra, além das referenciadas no presente estudo, se pode citar: *Les jardins d'Adonis. La mythologie des aromates en Grèce*, da Gallimard, em 1977; *Dyonisos mis à mort* da mesma editora, de 1977; *Les ruses de l'intelligence : la métis des grecs* (Flammarion, de 1977), e *La cuisine du sacrifice en pays grec* (Gallimard, 1979), ambas em colaboração com o helenista Jean-Pierre Vernant. Além destas, a parceria com Giulia Sissa em *A vida cotidiana. Os Deuses Gregos*, publicada em 1989, pela Librairie Hachette e *A Invenção da mitologia* da Gallimard, em 1981. *Os Mestres da Verdade na Grécia arcaica, A Escrita de Orfeu* – publicadas pela Jorge Zahar – e *Dioniso a céu aberto*, também traduzida para a língua portuguesa na coleção Textos de Erudição & Prazer.

Assim, vê-se na evolução de sua escrita e nas influências e reverberações que seus leitores dão a ela, a própria continuidade dos antigos entre modernos e contemporâneos, onde o mergulho nos estudos dos gregos origina-se do profundo,

³ Parceria com Jean-Pierre Vernant, Pierre Vidal-Naquet, Giulia Sissa, entre outros. O artigo de Fábio Duarte Joly detalha as origens e a influência das parcerias em sua argumentação: JOLY, F.D. Marcel Detienne e o experimento da comparação. **Cultura Histórica & Patrimônio**, Alfenas, v. 2, n. 1, p. 49-58, 2013.

⁴ No "Prefácio à edição de 1985" à obra de Jean-Pierre Vernant, *Mito & Pensamento entre os gregos*, dedicado a Ignace Meyerson, sua colaboração e interlocução é referenciada e elogiada. Cf: VERNANT, J-P. **Mito & Pensamento entre os gregos. Estudos de psicologia histórica**. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

em suas práticas sociais mergulhadas nas tradições míticas de *A Escrita de Orfeu*,⁵ passando por seu reafirmado diálogo com a etnologia e a antropologia, até a perspectiva de um olhar comparativo e de novas abordagens e retornos àqueles *gregos de outrora*. Daí os estudos destas práxis de sua escrita propostos em *Comparar o Incomparável*,⁶ *O Gregos e nós*,⁷ além do recente artigo publicado no periódico *Arion*,⁸ que trata de sua abordagem mais voltada às implicações das *peripécias* do conceito de *autoctonia*⁹ face às demandas modernas sobre a temática da identidade nacional.

Para se entender a associação estabelecida por Detienne entre *peripécia* e *autoctonia* é válido notar, *a priori*, que ambos se tratam de conceitos antigos. A referência e associação assim proposta indica o caminho traçado pelo autor: ele dedica seus estudos acerca das práticas sociais da Grécia Antiga – suas tradições, mitos, seus ritos e saberes – cobrindo neste ‘mergulho’ de abordagem antropológica o esforço de compreensão da escrita entre os gregos, em que entende essa escrita como uma linguagem de novas estratégias intelectuais. A escolha do território grego antigo como espaço de reflexão faz dos antigos seus próprios interlocutores. O que se atesta pela sua restrita lista de referências bibliográficas em que contempla seus interlocutores modernos e contemporâneos; alguns pioneiros dos estudos clássicos, outros contemporâneos seus.

Neste sentido destaca-se seu diálogo com os estudos de antropologia histórica engajados na EHESS,¹⁰ além de outros estudos e (re) leituras dos antigos entre nichos mais específicos, como os da historiografia – os estudos em Heródoto e Tucídides – e da filosofia, com as reverberações entre os platonistas.¹¹ Em que se

⁵ DETIENNE, Marcel. **A Escrita de Orfeu**. Tradução: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. Obra publicada pela Gallimard em, 1989.

⁶ DETIENNE, M. Op. Cit., 2004.

⁷ DETIENNE, M. **Os Gregos e Nós. Uma antropologia comparada da Grécia Antiga**. Tradução Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Loyola, 2008.

⁸ DETIENNE, M. The Metamorphoses of Autochthony in the Days of National Identity. **Arion: A Journal of Humanities and the Classics**, Third Series, v. 16, n. 1, p. 85-96, spring-summer, 2008.

⁹ O grifo é meu.

¹⁰ Sigla para École des Hautes Études en Sciences Sociales.

¹¹ Refere-se aqui mais especificamente aos estudos de Luc Brisson, **Platon, les mots et les mythes**. Paris: F. Maspero, 1982.; Catherine Darbo-Peschanski, **Le Discours du particulier. Essai sur l'enquête hérodoteène**. Paris: Seuil, 1987.; Nicole Loraux, **L'invention d'Athènes**, Paris, Hais, Nova York, Mouton : [s.n], 1981., e Moses I. Finley, **Mythe mémoire et histoire. Les usages du pasée** (trad. Francesa), Paris: Flammarion, 1981.

justifica a aplicação do conceito de peripécia, do grego *peripeteía*, que significa a mudança de algo, ou uma situação, em seu contrário ou naquilo inesperado a priori. E, portanto, o autor associa tal mudança, ou peripécia, ao conceito de *autoctonia* – seu objeto temático – ao estabelecer uma trajetória desde os seus usos na antiguidade e sua leitura já em tempos modernos e contemporâneos. Por autóctone entende-se aquele que pertence à terra onde nasceu. A origem semântica do termo, e posterior adoção de seu sentido na experiência ateniense do século V a.C., será abordada no seguimento do presente estudo.

Ponto destacado em que se estabelece a troca entre a referida abordagem pela via da autoctonia, através das leituras e dos estudos dos autores os quais dialogaram com a proposta comparativa, tais como: Charles Tilly, Bénédict Zimmermann, Michel Espagne, Nancy Green, e mesmo, Marc Bloch que já no início do século XX propôs uma abordagem comparativa à qual Detienne criticou.¹²

Dois anos após a adoção da *Declaração dos Direitos Humanos* pelo Conselho dos Direitos Humanos, Detienne analisa em seu artigo no *Arion* as então “metamorfozes” da autoctonia em tempos de identidade nacional, dessa maneira (re) fazendo o velho retorno aos gregos para entender suas implicações.

Neste sentido, destaca-se o caráter múltiplo de sua produção, bem como o de outros autores que utilizaram o comparativismo, enfocando o trato com as fontes e quais campos históricos podem apresentar essas contribuições. A partir da reflexão sobre a antiguidade clássica (acerca do conceito de autoctonia), do método comparatista até o debate sobre as identidades nacionais, o helenista suscitou reflexões que buscamos apresentar em linhas gerais.

Detienne incentivou a construção de novas narrativas, propôs diálogos com outras disciplinas e renovou a historiografia contemporânea suscitando novas maneiras de lidar com as fontes, como visto nas produções supracitadas e em “Os gregos e nós”, “Comparar o Incomparável”, “*L’identité nationale, une énigme*”, entre

¹² TILLY, Charles. Equipamiento Intelectual. In: __. **Grandes estructuras, procesos amplios, comparaciones enormes**. Rio de Janeiro: COMUT/Alianza, 1984.; ZIMMERMANN, Bénédicte. *Histoire croisée and the making of global history*. (EHESS, Paris); Conférence **Global History, Globally**, Cambridge, Havard University, 8-9, février 2008.; GREEN, Nancy. *L’histoire comparative et le champ des études migratoires*. **Annales ESC**, n. 6, p. 1335-1350, nov.-déc., 1990.; ESPAGNE, Michel. *Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle*. **Gèneses**, [s.l], n. 17, p. 112-121, sep. 1994.; BLOCH, Marc. **Os reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

outras. Exemplos de que sua obra dialoga com um mundo em transformação, demonstrando alguns possíveis caminhos interpretativos para o trabalho do historiador.

Dentro da relação entre memória e história, por exemplo, se tem essa difícil função de escolha da representação e de quais construções serão escolhidas nas análises históricas destinadas aos leitores de tal campo. Ou seja, quando se busca o reconhecimento do plano histórico deve-se levar em conta uma fidelidade em relação à memória e ao que ela pode representar.¹³

Quando Paul Ricœur define o conceito de *representance* ele busca o entendimento de um conjunto de operações mnemônicas com as quais a historiografia precisa lidar.¹⁴ Essa representação histórica tão cara a Ricœur encontrou no conceito de *representance* algo muito semelhante ao almejado por Detienne, na medida em que busca aproximar memória e reconstrução do conhecimento histórico através de uma determinada narrativa.

Outra relação entre o método dos dois autores destaca que no campo histórico não é necessária somente a construção da narrativa, mas as evidências de mudanças, diferenças, intervalos e alterações ocorridas no tempo e espaço deflagrando os processos históricos, tal como deveria ser a principal função dessa ciência social.¹⁵

A tão sentida crítica de Hayden White reverberou entre os historiadores, pois, cobrou a aceitação de que a história era tão somente uma “representação narrativa de representações-fontes”.¹⁶ White chamava a atenção para o fato de que dificilmente o historiador narrava aquilo que aconteceu e que as representações ou interpretações são sempre “construção imaginativa” do pretérito. Fazendo uma relação com a escolha de Detienne acredita-se que ele

¹³ RICCEUR, Paul. Histoire et mémoire: L'Écriture de L'Histoire et la Représentation du passé. **Annales. Histoire Sciences Sociales**, v. 55, n. 4, p. 731-747, 2000. p.736.

¹⁴ RICCEUR, Paul. Op. Cit., p. 736.

¹⁵ Ibidem. p. 740.

¹⁶ A crítica de Hayden White gerou grande impacto na medida em que a história foi associada a imaginação ou representação o que parecia tirar-lhe o rigor analítico-metodológico. REIS, J. C. **Desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 64.

esteve ciente das dificuldades de constituição histórica e tal como Ricœur interessava-se nas diferentes maneiras de se representar e narrar a história.¹⁷

As comparações realizadas por ele, apesar de uma grande flexibilidade, estavam sempre imbuídas de uma preocupação pelo controle das fontes. Vê-se, então, que a crítica de White de que o historiador possuiria sempre um caráter imaginativo em seu ofício, foi um dos instrumentos chave para que o trabalho de Detienne fosse considerado, visto que suas análises buscavam a seriedade do fazer histórico, sem subtrair a credibilidade ao ofício do historiador.¹⁸

As definições encontradas por Detienne abordavam objetos complexos como a estrutura da *pólis* ateniense tendo em vista a interpretação da formação dos estados nacionais imaginados de forma coletiva e abstrata. A dificuldade maior seria perceber qual era a visão de História defendida pelo pensador belga diante das variadas narrativas propostas por ele. Os mecanismos sociais (por vezes a nação) acabaram, durante muito tempo, realizando a manutenção da tradição na contramão da consciência crítica que deveria animar as interpretações históricas.¹⁹

Entende-se ainda, que como Paul Ricoeur, Detienne trabalhou com a noção de que a narrativa construída pelo historiador (que muitas vezes se utilizava da literatura), era sempre uma apropriação análoga de algo que não é mais. Perspectiva que abrange o diálogo e faz com que a história seja considerada um manancial de várias interpretações onde os estudiosos podem, por eles mesmos, chegar a interpretações mais ou menos comuns. Ou seja, essa *representance* era necessária para que a narrativa histórica pudesse ser minimamente reconstruída, e para que não se tornasse somente uma maneira de apresentação dos

¹⁷ « [...] pour qu'une société se reconaisse comme historique, il n'est sûrement pas nécessaire qu'elle construise un modèle du temps linéaire ni qu'elle privilégie une représentation de l'événement comme imprévisible et ne se répétant jamais exactement le même, ni non plus, sans doute, qu'elle découvre le dynamisme propre à l'histoire des actions humaines. » DETIENNE, M. **Comparer l'incomparable**. Paris: Editons du Seuil, 2009. p. 66.

¹⁸ WHITE, Hayden, 1992. apud REIS, José Carlos. **Desafio Historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 185.

acontecimentos históricos, os quais precisariam estar presentes no ofício do historiador.²⁰

Com isso, este artigo apresenta a forma com a qual Detienne tratou as fontes e o desdobramento desse processo em três partes: antiguidade, comparativismo e os limites do nacional. Abordagem que propõe ampliar o debate, demonstrando sua perspectiva de análise em diferentes espaços sociais e tempos históricos distintos, de forma interdisciplinar e transnacional.

Marcel Detienne entre “*Os Gregos e nós*”

« *L'on naît grec mais l'on devient citoyen* »
Marcel Detienne

Para Detienne a origem semântica do conceito de *autoctonia* advém de Ésquilo, que na composição de sua obra trágica,²¹ o teria designado àquele que nasce da própria terra.²² É preciso, contudo, considerar o estudo recente de Eloy Braga que a identifica no adjetivo autóctone (*authochthon*). Entre a *autoctonia* e a refundação de um território, espaço doravante constituído, estabelece-se o exemplo que irá referenciar sua análise, assim escolhido, na chamada experiência da “civilidade grega”,²³ que oferece para o historiador-antropólogo “numerosas microconfigurações possíveis e observáveis” de dois caminhos deste processo: o do arquegeta²⁴ e o do autóctone. A *autoctonia* entre os gregos passa, obrigatoriamente, tanto pelo pertencimento do indivíduo a um território e seu reconhecimento pela sua *fratria*, quanto pelo modo de fundar esse território. Assim a ideia de fundar, no âmbito de territorializar, coloca questões importantes à formação do pensamento grego, como, o que é um lugar? O que é um limite?

²⁰ REIS, J. C. **Desafio Historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 79. Para mais ver: RICCEUR, Paul. *Histoire et mémoire: L'Écriture de L'Histoire et la Représentation du passé*. **Annales. Histoire Sciences Sociales**, v. 55, n. 4, p. 731-747, 2000.

²¹ ÉSQUILO. **Os Sete contra Tebas**. Tradução do grego e prefácio de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

²² Informação que o próprio autor considera algo inconsistente, pois na tradução de Janet Lloyd, utiliza-se o termo “patchy” para referir-se à cunhagem esquileana do conceito *authochthon*, não obstante oferecer uma oportuna evidência de seu florescimento ideológico advindo da tradição mítica. Detienne, M. Op. Cit., 2008. p.86.

²³ DETIENNE. Op. Cit., 2004. p. 58.

²⁴ Aquele que vem de fora para fundar um território.

Atravessadas pelas guerras, as cidades gregas partilham língua e deuses, mas também segregam os que não reconhecem como iguais. No estabelecimento do território, cada cidade cria uma rede própria e chama para os seus calendários os registros da tradição que comprovem e garantam sua autonomia sobre a terra. Pela via da autoctonia Detienne delinea não só os modos de fundar, “configuração arrogante alardeada pelos atenienses diante dos demais gregos”,²⁵ mas associa-os ao estabelecimento das diferenças entre o que atende à fixidez de uma ordem, e ao que escapa dela.

Ao propor um estudo comparativo que se debruce sobre semelhanças e contrastes entre os traçados de fundação o primeiro caminho destacado é o do arquegeta, que na época arcaica, entre uma série de pequenas cidades, desvela uma figura inaugural: aquele que vem de fora. O segundo, filho da terra, configura o legítimo.

Acerca do fundador-arquegeta o autor descreve suas relações com os caminhos traçados; daí, seu mergulho à Tebas mítica de Cadmo, fundador da casa que dará origem ao ciclo trágico tebano, abordado nas obras de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Detienne narra como ele, o fundador, separa uma porção de terra declarada vazia e desenha o espaço do altar sobre o qual irá sacrificar a vítima com o cutelo. Sacrificar para depois cortar e efetuar a partilha, cujos pedaços de pesos iguais serão reservados aos membros da nova comunidade. Tal atividade grega de criação de cidades contempla a intrínseca relação entre o altar, o santuário e o templo, primeira marca fundadora do território, onde o laço fundamental é entre o humano e o divino contemplando a tradição mítica e poética²⁶ da formação do pensamento grego.

Desse modo, no momento da decisão sobre a partilha das cidades nas quais cada deus irá receber honras particulares, somente uma palavra de ordem se instaura: *éris*, ou querela, luta. O mito de disputa pelas terras da Ática ilustra a questão deste “fazer território” e da autoctonia. Detienne assim resume sua

²⁵ Ibidem. p. 60.

²⁶ O autor recupera da tradição homérica na *Odisseia* a referência ao fundador emblemático da cidadela dos feácios, Nausíto, que para fundar a dita vila cumpriu quatro etapas: o traçado da muralha, a edificação dos templos, a construção das habitações e a partilha das terras entre os cidadãos. HOMERO. *Odisseia*, VII, 55-70. Tradução de Donald Schüler (Edição bilingue). Porto Alegre, RS: L&M Pocket, 2007. p. 65.

releitura do dito mito com o intuito de estabelecer ditames e referências para este conceito.

É na Ática, terra chamada de *Aktê*, costa escarpada,²⁷ que se ergue o *Erechtéion* entre todos os nichos sagrados de altares aglomerados, com muitos reis e heróis veneráveis. De um lado, Posêidon, fincando seu tridente na rocha, fazendo brotar a fonte de água salgada do próprio seio da Acrópole, narra o autor; de outro, Atena, que planta a primeira oliveira nesta terra contestada. Cada deus produz assim suas marcas de poder sobre o território em questão. Detienne afirma que a oliveira aparece como um presente dos deuses no mito das origens de Atenas²⁸ e no curso da disputa que a opunha a Posêidon pela posse do dito território, Atena faz surgir do solo a primeira oliveira, símbolo do pacto da deusa com os atenienses e marca de sua diferenciação entre os demais helenos. A oliveira de Atena significa, segundo Detienne, a vida cultivada e a instauração do grupo social naquela terra.²⁹

Em *Os Gregos e Nós* o helenista abre o quinto capítulo com a afirmação, “achar seu lugar (*son trou*); isso parece grego”,³⁰ que reforça haver em um autóctone um peso e força telúrica. Aqui *fare son trou* permite colocar a autoctonia em perspectiva, tornando-a intrinsecamente ligada à fundação e aos modos de fundar. Movimento no qual fazer um território, entre o divino e humano, implica em estabelecer aquilo que pertence à *pólis* e o que é marginal a ela. À autoctonia impor-se-á um outro, que vem a ser a exclusão.

Nicole Loraux³¹ aprofunda a questão proposta por Detienne e atesta, em sua pesquisa que na Grécia do século V a.C. a exclusão abarca mulheres, escravos e *metecos* (estrangeiros) de maneiras diferentes: Às mulheres a exclusão era política e não social, dada sua participação em alguns cultos;³² a exclusão dos escravos era estrutural; já para o *meteco*, condição do estrangeiro declarado como tal, desde que residente em território ático³³ por longo tempo, a exclusão era assim figurada.

²⁷ DETIENNE, M. Choisir une cité... Op. Cit., 1989. p.162.

²⁸ DETIENNE, M. “Um Efebo, uma Oliveira”... Op. Cit., 1989. p. 55.

²⁹ DETIENNE, M; SISSA, Giulia A vida cotidiana. Os deuses gregos. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 175-s.

³⁰ DETIENNE, M. Op. Cit., 2008. p. 99.

³¹ LORAUX, Nicole. **L’Invention d’ Athènes**. Paris, Mouton, 1981.

³² DOODS, E.R. **Os Gregos e o Irracional**. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002. p. 271-285.

³³ O *grifo* é meu.

Segundo a autora: “se assassinado, seria por homicídio involuntário (culposo, no jargão moderno); os impostos lhes eram compulsórios, assim como ter um patrono ateniense”, mesmo que a democracia ateniense tivesse a necessidade dos metecos para os múltiplos serviços que prestavam à coletividade (o comércio, entre eles).³⁴

Sobre a exclusão vale notar que as considerações vão além se elencadas as contribuições da atividade historiadora de Heródoto e Tucídides. É Catherine D. Peschanski quem lembra que os bárbaros fazem parte desta imbricada trama, e afirma em seu artigo, “Os bárbaros em confronto com o tempo”, que tanto no autor das *Histórias*, quanto na escrita tucidideana, o tempo dos povos não gregos não é nem homogêneo ao dos gregos, nem intrinsecamente homogêneo, e que na organização desses ‘desequilíbrios’ o par antônimo grego/bárbaro³⁵ é apenas uma maneira de colocar face a face os próprios gregos: tais como desejamos ou lastimamos que sejam, e os gregos que censuramos ou acusamos.³⁶

Detienne, portanto afirma que nasce-se grego, mas torna-se cidadão progressivamente, indicando serem três os níveis cumulativos de participação em uma comunidade: o reconhecimento por uma *fratria*, a inscrição em um *dêmos* e a atividade em uma cidade.³⁷ Sem hierarquia a *fratria* funciona como uma estrutura de acolhimento na qual se entra na presença do grupo familiar, primeiramente pelo nascimento. Assim, o contraste com os puros atenienses nascidos da terra da Ática, de identidade tão pura, leva “Isócrates, Platão e Eurípides (ironicamente) a apontar o dedo para os elementos *impuros*”,³⁸ referindo-se aos *metecos* e toda a sorte de excluídos da ordem estabelecida.

Peschanski se pergunta como não aproximar o massacre perpetrado em Mycalessos pelos trácios de um outro massacre, o da Guerra do Peloponeso³⁹ em

³⁴ LORAUX, N. Op. Cit., p. 16.

³⁵ François Hartog aponta que é entre o sexto e o quinto século a.C. que “bárbaro”, no sentido de não-grego, forma, associado a “grego”, um conceito antônimo e assimétrico. Para o argumento ver, HARTOG, F. “Invenção do Bárbaro, Inventário do Mundo”, em **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga**. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

³⁶ PESCHANSKI, Catherine D. et al. **Gregos, Bárbaros e estrangeiros**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p.58.

³⁷ DETIENNE, M. Op. Cit., 1989. p. 218.

³⁸ DETIENNE, M. Op. Cit., 2004. p. 60.

³⁹ A Guerra do Peloponeso (431-404 a.C) foi o conflito entre atenienses, espartanos e seus aliados narrado pelo historiador Tucídides. A obra está dividida em oito livros cuja narrativa cobre 20 dos 27 anos da guerra.

si, na qual corcírenses infligiram a si mesmos? “Pois os trácios matam homens, mulheres, velhos e crianças, mas entre os corcírenses, o pai mata seu filho”.⁴⁰ Assim, Tucídides, alerta a autora, evoca os bárbaros para dizer aos gregos não que aqueles estão misturados a eles (gregos), mas neles mesmos.⁴¹ Marcel Detienne associa justo nesse traçado entre o mito autóctone e a apropriação ateniense do conceito no século V a.C., na experiência da guerra supracitada, as origens para sua leitura da peripécia do conceito na experiência francesa moderna e contemporânea como veremos adiante.

Portanto, acerca da discussão proposta sobre os “modos de fundação” e os dois caminhos atribuídos para tal – o do arquegeta e o da autoctonia -, acompanha-se a narrativa de Detienne do mito fundador de Tebas, sob cujas origens os dois aspectos se confundem, suscitando uma história cheia de mortes, máculas do sangue vertido e de dívidas insaciáveis, de cujo bojo a tragédia ática sorveu suas tramas conformadoras do Ciclo tebano.

Tebas foi fundada por Cadmo, antes de seu casamento com Harmonia, filha de Ares e Afrodite. Como o menos afortunado dos arquegetas Cadmo seguiu o caminho designado pelo oráculo de Apolo e traçado pela novilha cujo manto era marcado por manchas brancas em forma de lua cheia.⁴² No lugar em que a novilha caísse Cadmo deveria sacrificá-la aos deuses e fundar a cidade. Já aí a primeira singularidade tebana: a fonte de onde o herói buscaria a água para a primeira oferenda era guardada por uma serpente, nascida de Ares e de uma *Erínia*, filha da Terra. Cadmo mata a serpente, ofende Ares, semeia os dentes do monstro sobre o *pedíon*, ou planície, de onde surgiriam os *Spartói*, guerreiros nascidos da própria terra de Tebas, origem de sua aristocracia. Para apaziguar Ares, casa-se com Harmonia, sua filha.

Detienne acredita que o modelo tebano por ele narrado entrelaça uma série de entradas com orientações divergentes, passando pelos caminhos de refundação de cidades e colônias no período de expansão na Hélade.⁴³ Em Tebas este é um

⁴⁰ THUCYDIDE, III. 81 (THUCYDIDE, **La Guerre du Péloponnèse** – livre III – texte établi et traduit par Raymond Weil avec la collaboration de Jacqueline de Romilly, Paris: Les Belles Lettres, 2003).

⁴¹ PESCHANSKI, C. D. Op. Cit., p.73.

⁴² DETIENNE, M. Op. Cit., 2000. p. 61.

⁴³ Ibidem. p. 62.

desdobramento do conceito marcadamente peculiar, pois de sua fundação, o traço autóctone, aqui figurado pelos Espartos,⁴⁴ é uma porta condenada, dando origem à série de tramas que ativam o epíteto maldito: “Os primogênitos de Tebas, armados, e que se matam ferozmente entre si, como o farão os filhos de Édipo, Polinice e Etéocle. Os sobreviventes dos primogênitos ficam para transmitir a nódoa”.⁴⁵

É, contudo na configuração ateniense, ao voltar de Tebas, que para Detienne o conceito de *autoctonia* perde sua roupagem de horror, ou daquilo de que se origina, para encontrar o caminho mais prometededor, espécie de movimento do outro ao mesmo. Em Atenas ele nasce não da noção de enraizamento, da ideia de se nascer da própria terra, mas com o gesto decisivo e constitutivo da exclusão: “a exclusão dos outros, que a configuração de ‘fundar’ não parece implicar imediatamente”,⁴⁶ em uma paradoxal e quase completa relação entre puros e impuros, autóctones e estrangeiros, catalisada e reforçada nas guerras, contra os persas (489-448 a.C) no par antônimo grego/bárbaro, e contra os próprios helenos no par antônimo, atenienses/não-atenienses na Guerra do Peloponeso.

Segundo Eloy Braga, analogamente à Detienne, nenhuma outra *pólis* “teria alimentado a ideia da influência do mito de origem na sua formação e no seu destino mais que Atenas”,⁴⁷ refletida na prática do Elogio Fúnebre àqueles cidadãos caídos nas fileiras de guerra. A pesquisa de Loraux sobre a construção identitária ateniense referenciada no Elogio Fúnebre atribuído a Péricles – general e líder ateniense no início da guerra contra Esparta – assim narrado por Tucídides no Livro II de sua obra, estabelece o fio pelo qual o conceito de autoctonia na experiência social ateniense adquire uma roupagem excludente, em que ser *athenaios*, ou ateniense puro, passa necessariamente pela (i)lógica do não reconhecimento do outro, aquele não o é.⁴⁸ Assim, a prática dos ritos fúnebres compõe uma faceta essencial da cidadania, cujas raízes se estendem à própria

⁴⁴ A origem semântica do termo vem de *spartoí*, que significa nascido da própria terra, diferentemente de *espartanos*, filhos da *pólis* Esparta, na terra lacedemônia, região da península do Peloponeso.

⁴⁵ DETIENNE, M. Op. Cit., 2000. p. 105.

⁴⁶ DETIENNE, M. Op. Cit., 2008. p. 107.

⁴⁷ BRAGA, A.E. Op. Cit., p. 33.

⁴⁸ LORAUX, N. Op. Cit., 1981.

formação do *éthos* grego, desde Homero até sua ruptura, no advento da peste que assolou Atenas no segundo ano da guerra do Peloponeso (429 a.C.).

Pois,

acreditava-se ainda que, se os ritos fúnebres não fossem devidamente realizados, tanto os insepultos (*ataphoi*) quanto os familiares vivos e a própria *pólis* sofreriam problemas e castigos de ordem divina, poderiam ser assolados por pestes, secas, derrotas militares, entre outros infortúnios, ações que seriam infligidas pelos deuses em resposta ao desrespeito e à desobediência às leis superiores e em consequência do insulto (...).⁴⁹

No caminho percorrido até aqui se constatou que em suas primeiras pesquisas Detienne estabelece como ponto de partida para seus estudos o “mergulho” profundo e direto às fontes primárias. Neste sentido, seu diálogo se dá diretamente com a poesia épica (Homero e Hesíodo), com a lírica (Teógnis), as tragédias (Ésquilo, Sófocles e Eurípides), história e filosofia (Heródoto, Tucídides e Platão). Para os três últimos o autor adotou o caminho seguro das releituras de outros estudiosos das referidas obras, aproveitando de suas abordagens e recortes específicos as impressões e ditames que pudessem iluminar sua própria interpretação.

Neste sentido, sua obra dialoga com helenistas do século XIX e também outros contemporâneos à sua própria produção; colegas de pesquisa na EHESS (École d’Hautes Études et Sciences Sociales) e historiadores, etnólogos, antropólogos e filósofos de temáticas diversas neste universo antigo. A clivagem operada por Detienne para a compreensão das peripécias do conceito de *autoctonia* na experiência moderna e contemporânea pode ser aferida em seu diálogo com os estudos de Eloy Braga, publicação que deu origem ao seu recente artigo para o periódico *Arion*.

Não obstante tal proposta de diálogo com as referidas disciplinas, Alexandre Santos de Moraes considera “austera” a proposta comparativista de Detienne, pois negligencia justo o destaque ao ofício do antropólogo.⁵⁰ Crítica também fundamentada na discussão proposta no artigo de Rafael F. Benthien, apontando-

⁴⁹ BRAGA, A. E. Op. Cit., p.51.

⁵⁰ MORAES, A. S. de. Marcel Detienne e os caminhos do comparativismo. **Revista de História Comparada**, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2009. p. 3.

lhe uma generalização simplista, sobretudo no que concerne o tratamento dado pelo helenista à obra de Jean Bollack: “os argumentos simplificam grosseiramente os trabalhos dos hermeneutas”.⁵¹

De acordo com as perspectivas abordadas, Marcel Detienne buscou nas origens do conceito de *autoctonia* compreender as estruturas do pensamento grego, assim como as dinâmicas sociais suscitadas em sua contextualização. Observou-se tal efeito, originado da narrativa mítica, experimentado na época clássica, durante as guerras, sobretudo, na acepção da cidadania ateniense. Neste esforço o autor buscou, através do método comparativo, destacar aproximações e afastamentos do seu próprio olhar sobre o conceito a partir de uma perspectiva semântica não-linear. Em que sentido a comparação utilizada como ferramenta principal foi essencial nas delimitações de seu método?

Detienne – as estruturas da comparação

O método comparativo não foi inventado por Detienne, mas certamente o pensador belga o aprimorou. Apenas como uma maneira de expor os usos do comparativismo será apresentado sucintamente o método e como ele se inseriu no debate atual tão relevante para os historiadores.

As possibilidades de pesquisa são muitas e o impacto das pesquisas comparatistas em áreas como os estudos migratórios, por exemplo, são muito frequentes.⁵² O mais comum dentre os estudos comparados é a análise de duas sociedades diferentes, duas nações que têm, por vezes, suas histórias relacionadas. Os diferentes modelos de colonização, aceitação do imigrante e de recepção de ideias estrangeiras também colocam em cheque os diferentes modelos assumidos pelos Estados Nacionais.⁵³

Detienne faz uma importante contribuição quando no livro *Comparer l'Incomparable* (2000) aponta a existência de uma mitologia em torno do nacional que, através do método comparado, pode ser melhor delineada. A mitologia do

⁵¹ BENTHIEN, R.F. Em defesa de uma antropologia histórica: com os gregos e para além deles. **Revista História da historiografia**, Ouro Preto, n. 4, p. 352-357, mar. 2010. p. 355.

⁵² GREEN, N. The comparative method and Poststructural Structuralism – new perspectives for Migration Studies. **Journal of American Ethnic History**, v. 13, n. 4, summer 1994. p. 3.

⁵³ DETIENNE, M. **Comparer l'incomparable**. Paris: Editons du Seuil, 2009 (original 2000). As contribuições acerca do nacional aparecerão com mais força na terceira parte do texto. p. 128.

nacional não raro foi construída por um discurso comum, por uma língua, e por um grupo de intelectuais que veiculam suas impressões, consagrando uma ideologia dominante. De acordo com Nancy Green: “*The comparative method is adaptation of experimental logic to inquires where a true experiment is possible*”.⁵⁴

O método proporciona uma abordagem que incita o questionamento e sugere novas experiências daquela situação histórica específica. Os questionamentos sobre determinada representação do passado também podem ser um indício de que há um objeto fértil para a análise comparativa. Vale dizer ainda que há “buscas de comparações para comprovar e revisar essas ideias, assim como a formulação de histórias alternativas do passado e do presente”,⁵⁵ e que é possível que estejamos impregnados dos métodos de fazer história ocidental que uniformiza, caracteriza e cataloga, esvaziando a oportunidade de interpretações mais complexas, não valorizando a memória das sociedades que estão à margem.⁵⁶

A comparação teve como primeira investida o trabalho de Marc Bloch, *Os Reis Taumaturgos* (lançado originalmente em 1924), em que a comparação entre os processos de cura pelos reis da França e da Inglaterra havia sido colocada em questão. Apesar de sua grande erudição, Bloch não confiou somente na grande quantidade de textos sobre os processos de cura, mas destacou aqueles que lhe pareciam ser mais significativos. Por isso, compreende-se que apesar do recorte das fontes e da grande quantidade de documentos analisados, o autor não chegou a definições conclusivas, não declarando certezas incondicionais.⁵⁷

Em sua obra, Bloch expunha o método comparativo iniciando um tratamento diferenciado das fontes, consciente de que seria apenas um recorte, um viés, uma interpretação dentre muitas que viriam. Bloch antecede Detienne no modo de comparar, pois iniciou seu estudo relacionando igreja e política contextualizadas em diferentes espaços geográficos, a saber, na França e na Inglaterra. Além disso, o historiador inaugurou a dinâmica comparatista como “um

⁵⁴ "O método comparativo é a adaptação da lógica experimental às questões onde a verdadeira experimentação seja possível". Cf: GREEN, N. Op. Cit., p. 4. - Tradução livre do autor.

DETIENNE, M. **Comparer l'incomparable**. Paris: Editons du Seuil, 2009 (original 2000). As contribuições acerca do nacional aparecerão com mais força na terceira parte do texto. p. 128.

⁵⁵ TILLY, Charles. **Grandes estruturas, processos amplos, comparaciones enormes**. Rio de Janeiro: COMUT/Alianza, 1984. p. 32.

⁵⁶ DETIENNE, M. Op. Cit., p. 69.

⁵⁷ BLOCH, M. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 17.

estimulador de ideias, um indicador de pistas”. Marc Bloch defendia a importância e a utilidade em se fazer um estudo comparado mesmo em se tratando da evolução das ideias médicas associadas às práticas religiosas da Idade Média.⁵⁸

Um aspecto análogo presente na narrativa dos dois autores é utilização da comparação para ultrapassar as análises do nacional. O que era externo, o que ultrapassava a nação acabava sendo também a resposta para os fenômenos (ou processos, segundo Tilly) no espaço interno.⁵⁹ Pode-se até usar uma alegoria na qual, por vezes, o historiador precisa de uma espécie de afastamento do seu objeto para que, em comparação com outro objeto, chegue a elementos analíticos mais específicos.

Através do método comparado, Detienne também suscita a capacidade de curiosidade e de questionamento o qual o historiador deve sempre aportar. Ele se diferencia de Bloch no sentido em que abrange as barreiras do campo de análise, expandindo a comparação. O helenista, em seu livro, explicou que uma das características de seu método era comparar também o dessemelhante, o não aparentado, o estranho, pois dessa maneira era possível atingirem-se novos elementos de análise constitutivos para a pesquisa comparada.

*Monnayons encore l'incomparable nous y pousse qui découvre l'étrangereté de premiers gestes et des commencements initiaux. Commencer, inaugurer, entamer, instituer: comment chaque culture pense-t-elle ensemble, séparément ou en configurations inédites, faire, produire, créer, procréer, inventer?*⁶⁰

Vale destacar que o pensamento comparatista de Detienne é tão atual e gerou tantos desafios que ainda hoje não há uma quantidade significativa de pesquisas comparadas na academia. O método congregaria tanto os adeptos da história política, quanto os da história cultural, mas incapazes de iniciar essa tarefa, muitos intelectuais estão “ainda prudentes, tímidos e se não desconfiados”

⁵⁸ LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 22.

⁵⁹ GREEN, Nancy. Op. Cit., p.5.

⁶⁰ “Amoedemos mais. O incomparável nos impele aí, onde descobre a estranheza dos primeiros gestos e dos começos iniciais. Começar, inaugurar, cortar, instituir: como cada cultura pensa junto, separadamente, ou em configurações inéditas, fazer, produzir, criar, procriar, inventar.” DETIENNE, M. Op. Cit., p. 50.

em relação ao comparativismo.⁶¹ A comparação dos grupos sociais, feita de modo igualmente tímida, demonstra a importância de se chegar às bases ideológicas do nacional, dos grupos de intelectuais e de políticos responsáveis pelos processos de emancipação.⁶²

No título de sua entrevista à revista *Le Point*, edição de 2012, Detienne recebe o epíteto de “o desconstrutor”,⁶³ referência ao caráter rebelde de seu percurso historiográfico, desde os estudos na EHESS às suas publicações mais recentes no campo comparatista. Sobretudo nos estudos acerca da mitologia grega, que formam a base para suas pesquisas acerca do nacional, a obra do autor é, não raro, referenciada por sua ‘quebra’ no diálogo com os intérpretes, filólogos e leitores dos antigos. Destacam-se, como exemplo, dois autores contemporâneos, cujas leituras críticas convergem para esta mesma impressão, ressaltada na publicação.

Primeiramente, o artigo de Robert Pogue Harrison, “*The Ambiguities of Philology*”,⁶⁴ criticou nas obras *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica* (Edição da Maspero, de 1976) e *As Astúcias da Inteligência* (edição da Humanities Press, de 1978 -esta última em parceria com Jean-Pierre Vernant), aquilo que denominou ser uma “filologia liberal”. Postura mais afastada dos rigorismos dos autores classicistas do século XIX, que Harrison interpreta com certa cautela: “seus *insights* estão baseados em evidências históricas, textuais e factuais, não obstante a influência de Lévi-Strauss, Foucault e Derrida.”⁶⁵ Esse autor questiona neste íterim a ausência de uma interlocução do helenista belga com as fontes reinterpretativas dessa corrente filológica, a exemplo de Heidegger no que concerne o estudo do conceito de verdade (*aletheia*) nos antigos.

⁶¹ TREBITSCH, Michel (Dir.). **Pour une histoire comparée des intellectuels**. Bruxelles: Complexe, 1998. Ver também a obra de Michel Spagne. **Os limites do comparativismo**, 1994. p.11.

⁶² ZINS, Max-Jean. Les intellectuel occidentalisé indien: de l'intellectuel organique aux intellectuel syncretique à l'intellectuel organique *In*: TREBITSCH, Michel (Dir.). **Pour une histoire comparée des intellectuels**. Bruxelles: Complexe, 1998. p.146-7.

⁶³ Entrevista disponível em: <http://www.lepoint.fr/grands-entretiens/marcel-detienne-le-deconstructeur-25-02-2012-1435027_326.php>. Acesso em: 07 ago. 2016.

⁶⁴ HARRISON, Robert Pogue. *The Ambiguities of Philology*. **Diacritics**, v. 16, n. 2, p. 14-20, summer 1986.

⁶⁵ *Ibidem*. p. 15.

Já a resenha da obra “A Invenção da Mitologia”, crítica de Cristiano Grottanelli⁶⁶ publicada pela University of Chicago Press, ressalta o diferente prisma da abordagem de Detienne, influenciada pela “escola” de Jean-Pierre Vernant e por sua abordagem Durkeimiana. Grottanelli aponta para o caráter “obsoleto” da proposta na referida obra, que não oferece, em sua opinião, novas perspectivas, tampouco abordagens no campo dos estudos da mitologia, reforçando ainda a ausência de interlocução (menção) aos autores contemporâneos. Rafael Benthien, por exemplo, nota que não obstante a proposta inicial da assim chamada escola francesa, Detienne acaba percorrendo, em algumas de suas obras, aquele mesmo percurso do qual estabeleceu um afastamento: o da perspectiva “atemporal” de Nietzsche, cuja leitura “embaralha as fronteiras da percepção mítica” entre os antigos.⁶⁷

Nota-se, neste íterim, tanto nas críticas quanto na ausência absoluta destas, certa áurea de desconforto entre os autores para lidar com a “rebeldia” do helenista. Ou mesmo o desinteresse em fazê-lo.

Seguindo a perspectiva de que seja possível comparar o “incomparável” de Detienne, nas análises do sociólogo Charles Tilly. Em seu livro “Grandes Estruturas, processos amplos, comparações enormes”, o autor exalta que apesar de diferenças temporais, de lugares geográficos e estruturas distintas é possível chegar-se a elementos de comparação tanto nas grandes, como nas pequenas estruturas.⁶⁸

De modo mais simples, a contribuição mais significativa de Tilly propõe que apesar da passagem do capitalismo mercantil para o capitalismo *per se*, a questão da divisão do capital ainda era recorrente nas sociedades tanto do século XVIII, quanto do XIX.⁶⁹ Essa comparação temporal elucida que os processos podem pouco se alterar com o tempo e determinadas reivindicações sociais podem perdurar.

As comparações entre historiadores e antropólogos são interessantes na medida em que constituem comparáveis possibilitando um aprofundamento de sociedades diferentes. Nesse sentido, a própria escolha de uma ou outra área já

⁶⁶ GROTTANELLI, Cristiano. Review. The Invention of Mithology. **History of Religions**, v. 25, n. 2, p. 176-179, nov. 1985.

⁶⁷ BENTHIEN, R.F. Razão e Mito: Vernant em questão. **Revista Vernáculo**, n. 1, p. 8-18, 2000.

⁶⁸ TILLY, C. **Grandes estruturas, processos amplos, comparaciones enormes**. Rio de Janeiro: COMUT/Alianza, 1984. p. 16.

⁶⁹ *Ibidem*. p. 23.

suscita um diálogo novo, por vezes não iniciado entre dois grupos étnicos ou duas sociedades.⁷⁰

Buscando apontar o erro da história ocidental que negligenciou a análise comparativa, Detienne retomou o tema do “regime de historicidade” de Marshall Sahlins para enfatizar como a história ganharia novos contornos ao utilizar-se o comparatismo.

*Nous voulons analyser de manière comparative ‘les diverses formes de conscience historique, d’expérience sémantique de l’histoire, de construction conceptuelle du temps humain, sans pour autant d’ailleurs en postuler la cohérence nécessaire, ni par consequente, faire l’hypothèse d’une corrélation étroite entre culture et régime d’historicité’.*⁷¹

O valor da análise comparativa de Detienne está em sair do “lugar comum” da história que é geralmente imposto pelo nacional, pelas tradições e por uma vontade de uniformização do fato histórico. Os regimes de historicidade, estando em constante construção, podem gerar novas narrativas, pois demonstraram novas análises e mecanismos diferenciados de se lidar com o passado. Daí o valor ético da comparação neste autor: ela ajuda o antropólogo e o historiador a saírem da mera reprodução dos conceitos, forçando-os a realizar a ligação entre interpretações históricas e valores de pertencimento étnico-social.

De acordo com ele seria necessária a procura por todo tipo de mecanismo de pensamento que pudesse criar condições para comparação, ou seja, o pesquisador deveria ter de antemão perguntas para suas fontes antes de iniciar a análise comparada. Para que o método possa ter maior funcionalidade, Detienne definiu o que chamou de “placas de coerência”, onde era possível estabelecer relações de aproximação ou mesmo de distanciamento.⁷²

Marc Bloch não constituiu um método comparativo tão rigoroso e as críticas não tardaram. Contudo, ele não fez uma história comparada, mas uma

⁷⁰ DETIENNE, M. Op. Cit., 2009. p. 60.

⁷¹ DETIENNE, M. Op. Cit., 2009. Aqui Detienne está se baseando nas análises de François Hartog e Gérard Lenclud sobre os “regimes de historicidade”, uma perspectiva baseada nos documentos do colóquio sobre antropologia contemporânea e antropologia histórica. “Queremos analisar de maneira comparativa as diversas formas de consciência histórica, de experiência semântica histórica, de construção conceitual do tempo humano, sem para tanto assim postular a coerência necessária, nem por consequência, fazer a hipótese da correlação estreita entre cultura e regime de historicidade” (tradução livre do autor). p. 67.

⁷² DETIENNE, M. Op. Cit., p.54.

antropologia comparada, não ousou na comparação e sustentou a comparação somente pelo que é comparável, nas palavras de Le Goff:

[...] “ele não dispunha de teorias e de métodos que lhe permitissem ir mais longe sem abandonar as regras de prudência e as exigências de historicidade necessárias à reflexão histórica”.⁷³

Essa timidez que a maioria dos analistas do comparativismo exalta foi um problema para que trabalhos comparados fossem produzidos e incentivados. Segundo Detienne, o problema dos historiadores do século XIX foi terem se situado em perspectivas analíticas previamente constituídas e a comparação viria aprimorar o que já havia sido realizado, buscando o distanciamento do olhar historiográfico etnocêntrico. Vale dizer, aquele que analisa sem o temor de encontrar-se e colocar-se em perspectiva realiza um trabalho mais concreto para a construção histórica.⁷⁴

O Detienne constituiu toda uma *práxis* em relação às análises que trazia do seu estudo dos antigos, e isso o levou ao campo do estudo da religião, dos mitos, do *modus vivendi* por detrás dos seus estudos clássicos.⁷⁵ Lançando-se em temas fundamentais como a consciência nacional, os debates sobre a antiguidade e a comparação como método a ser utilizado na compreensão das estruturas sociais, proporcionou um debate privilegiado no campo da história das ideias.

As comparações do contexto nacional

A obra de Detienne cumpriu uma função de questionamento da perspectiva de Marc Bloch, onde ficou estabelecido que era preciso comparar-se o que era semelhante e que a nação seria uma base importante a se seguir para se trabalhar o método.⁷⁶ A partir disso, percebeu-se o quão pioneiro ele foi ao propor o estudo comparativo nas diferentes sociedades, acreditando proporcionar uma rica gama de elementos de análise através do que era dessemelhante ou divergente.⁷⁷

⁷³ LE GOFF, Jacques. Prefácio. BLOCH, Marc. Op. Cit., p. 33.

⁷⁴ DETIENNE, Marcel. Op. Cit., p.111.

⁷⁵ BLOCH, Marc. Op. Cit., p.36.

⁷⁶ DE MORAES, Alexandre Santos. Marcel Detienne e os caminhos do comparativismo. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2009. p. 3.

⁷⁷ DE MORAES, A. S. Op. Cit., p. 4.

O nacionalismo constrói e transforma a cultura popular em uma alta cultura. Assim, criavam-se culturas vernáculas de alto nível que acabavam reproduzindo estórias e tradições para que, desse modo, o Estado tivesse os meios de alcançar o seu apogeu.⁷⁸ Essa relação entre a cultura popular e o poder político das elites fosse uma das maiores dificuldades em encontrar-se uma definição concreta ao processo de constituição dos nacionalismos.

Nos estudos de Detienne sobre o nacional encontram-se importantes definições que estão explícitas em:

*Il en va de la "nation" comme de l'identité. L'idée en est à la fois simple et riche en plis, en arrangement de plis. [...]
En concurrence avec gent et race, nation désigne un ensemble d'êtres humains caractérisé par une communauté d'origine, de langue et de culture.*⁷⁹

Sem a pretensão de definir o nacional, Detienne buscava compreender a construção de uma identidade com a qual, tanto França como Alemanha, haviam se identificado durante tanto tempo. Sobretudo, as análises envolvendo o local, o global e os espaços de diálogo nas reflexões historiográficas. O nacional sempre permeou os debates em relação à historiografia e isso não escapou às análises de pensadores como ele. A força do estado nacional nas análises foi muitas vezes o foco dos historiadores comparativistas, sendo a escala de análise um elemento muito pouco refletido e explicado nos trabalhos dos campos históricos.⁸⁰

A própria comparação já tinha em si suas questões problemáticas, desde as análises de um micro-comparativismo, que permeiam os espaços, grupos e acontecimentos, quanto um macro-comparativismo, que flerta com as tentações universalistas.⁸¹ Isso leva às perguntas em relação aos limites das análises comparadas e quais as possíveis intenções por trás destas análises.

⁷⁸ GELLNER, E.; BREUILLY, J. **Nations and Nationalism**. Segunda edição Londres: Blackwell Pub, 2006. p. XXVIII.

⁷⁹ É a "nação" como a identidade. A ideia é tanto estilo simples e rica de dobras, por vezes, simples arranjo de dobras. [...] Competindo com gente e raça, nação, um conjunto de seres humanos caracterizados por uma comunidade de origem, de língua e de cultura". DETIENNE, Marcel. **L'identité nationale, une énigme**. Paris: Gallimard, 2010. p. 15.

⁸⁰ ZIMMERMANN, Bénédicte. Histoire croisée and the making of global history. (EHESS, Paris); Conférence **Global History, Globally**, Cambridge, Havard University, 8-9, février 2008. p. 3.

⁸¹ TREBITSCH, Michel, GRANJON, Marie-Christine (Dir.). **Pour une histoire comparée des intellectuels**. Bruxelles: Complexe, 1998. p. 12.

Os pesquisadores inclinados às reflexões no campo da história cultural sentem-se à vontade diante das perspectivas comparadas, essencialmente aquelas iniciadas a partir da oposição entre as interpretações em relação a Europa, no que tange as diferenças e semelhanças da França e da Alemanha. Mesmo que os limites não sejam sacramentados (de forma mais concreta), sabe-se que a fuga aos traços nacionais é de fundamental importância dentro do uso da comparação.⁸²

Evitando-se deixar de lado a historiografia voltada somente ao nacional, o comparativismo deve atentar para o perigo de continuar reproduzindo uma identidade voltada à nação que limita os quadros da análise.⁸³ No caso francês isso fica ainda mais problemático visto que a pátria exerceu um fascínio nos historiadores, sociólogos e antropólogos do século XX. Desde a Revolução Francesa o cidadão foi ensinado a respeitar, amar e racionalizar toda sua descendência, evidentemente vista como superior às outras nações.⁸⁴

Nos tempos atuais, pensar as similitudes e diferenças entre o local e o global faz-se mister e, nesse sentido, as tensões entre as análises micro e as macro foram importantes para delimitar concretamente os espaços de análise. Contudo, elas acabavam gerando uma dicotomia danosa para as análises comparatistas na medida em que os contrastes poderiam ser fundamentais para os estudos comparados que pretendiam analisar o nacional ou transnacional.⁸⁵

De uma forma mais concisa admite-se que a historiografia supervalorizou durante muito tempo a concentração das análises em relação a um determinado país, colocando em relevo uma cultura ou um determinado grupo que era visto de forma distinta e superiora aos demais.⁸⁶ Buscando quebrar o fundamentalismo das aspirações nacionais a História Comparada foi uma alternativa importante para a investigação histórica como método científico de análises mais concretas e menos parciais, buscando quebrar a tendência perniciosa dos pesquisadores com aspirações meramente políticas.

⁸² ESPAGNE, Michel. Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle. *Gèneses*, n. 17, septembre, 1994. p. 112.

⁸³ Idem.

⁸⁴ DETIENNE, Marcel. Op. Cit. **L'Identité nationale une énigme**. Paris: Gallimard, 2010. p. 50-1.

⁸⁵ ZIMMERMANN, Bénédicte. Op. Cit., p.5.

⁸⁶ MAIER, Charles S. La Historia Comparada. *Studia Historica. Historia Contemporanea*. v. X-XI, 1992-1993. p.12.

Compreende-se que os historiadores comparativistas acabaram tornando-se mediadores das relações que envolviam a análise entre os diversos países. Falar da relação feudal envolvendo China e França, por exemplo, era uma maneira perspicaz de abordar os temas que envolviam o próprio conceito de feudalismo. Nesse sentido, o comparativismo além de quebrar com os paradigmas nacionais aumentou o campo de investigação histórica propiciando mais rigor quanto às análises dos conceitos e dos grupos sociais analisados.⁸⁷

Enquanto método, o comparativismo proporcionou um grande ganho, pois colocou em perspectiva culturas opostas e sociedades muitas vezes tidas como diferentes umas das outras. Ou seja, enquanto dois espaços sociais e organizações políticas são postas em oposição não se percebe as especificidades de cada uma, realizando um sistema de exclusão que tinha como objetivo apagar uma cultura diante da outra.⁸⁸ Como lembra Detienne:

*"Comparer est d'abord mettre en perspective, et il faut y insister, qu'on me le pardonne, en se mettant **soi-même** en perspective. D'évidence, chacun peut le faire, ne suffit-il pas de se déplacer ?"* (grifos do autor).⁸⁹

Ao colocar um objeto de análise em perspectiva é demanda do pesquisador uma atitude de desprendimento, e por isso a comparação não pode estar tão envolta em juízos de valor, na medida em que ela representa uma construção.⁹⁰ Essa constituição ocorre muitas vezes de forma conjunta, congregando pesquisas de diversos campos disciplinares, países e partindo de diferentes perspectivas analíticas.

Parte da historiografia francesa esteve, por muito tempo, ligada aos objetivos nacionais em que o Estado-Nação atuava com um amplo e forte poder nas tomadas de decisões historiográficas. Ao se estudar os meandros da identidade nacional o pesquisador ficou engessado nos paradigmas e nos mistérios dessa identificação. A comparação surgiria para tirar o foco do "documento de

⁸⁷ ESPAGNE, Michel. Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle. *Gèneses*, n. 17, p. 112-121, sep. 1994. p. 115.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ DETIENNE, Marcel. **Comparer L'incomparable**. Paris: Editons du Seuil, 2009. "Comparar é assim colocar em perspectiva, e é preciso insistir, que me perdoem, colocando a si mesmo em perspectiva. Da evidência, todos podem fazê-la, não é suficiente se deslocar?". Cf: DETIENNE, M. Op. Cit., 2009. - tradução livre do autor.

⁹⁰ DETIENNE, M. Op. Cit., p. 112.

identificação francês” e compará-lo com outros documentos igualmente interessantes e que demonstravam a multiplicidade do campo historiográfico; com o qual se pode realizar histórias conectadas, cruzadas ou comparadas dependendo da demanda e do rigor de cada pesquisador.

Considerações Finais

Buscando uma relação conceitual influenciada pelas diferentes produções de Marcel Detienne, este artigo objetivou uma apresentação de algumas das principais contribuições deste pensador para a teoria da história. Analisando o percurso intelectual de Detienne procuramos suscitar novas questões acerca de seu posicionamento como estudioso do período clássico, incentivador do método comparado e crítico do primado do nacional nos estudos da antropologia e da história.

O levantamento do que foi produzido pelo autor e sobre o mesmo não se encontra totalmente contemplado neste espaço de debate, não obstante, ao analisá-lo nos diversos âmbitos acreditamos ser possível a exposição da multiplicidade dos campos interpretativos pelos quais transitou. Talvez por conta de sua erudição e da sua escrita, Detienne tem sido interpretado como um intelectual enigmático, por muitas vezes incompreendido. Essa leitura pode ser prejudicial não só para o estudo deste importante autor, como parcial às definições do método defendidas por ele.

Contudo, ao compreender-se o seu papel enquanto cientista social observamos como ele transitava em diversos campos analíticos e como a comparação auxiliou essa “saída de si” para tecer análises mais conectadas com um mundo em transformação. Nesse sentido, os autores também viram as suas pesquisas, aqui representadas, na medida em que desde os estudos clássicos até os estudos comparativos contemporâneos têm em Marcel Detienne um ponto de apoio, um *topoi* e uma placa de “coerência fundamental” para a compreensão das sociedades no tempo e no espaço.

Referências Bibliográficas

- BARROS, José D'Assunção. História Comparada: um novo modo de ver e fazer História. **Revista de História Comparada**, v. 1, n. 1, p. 1-30, jun. 2007.
- BENTHIEN, R.F. Razão e Mito: Vernant em questão. **Revista Vernáculo**, n. 1, p. 8-18, 2000.
- __. Em defesa de uma antropologia histórica: com os gregos e para além deles. **Revista História da historiografia**, Ouro Preto, n. 4, p. 352-357, mar. 2010.
- BLOCH, Marc. **Os reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- __. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In: __. **Melanges Historiques**. v. 1. Paris: EHESS, 1995.
- BRAGA, A. Eloy. **As Sementes de Cadmo: autoctonia, miasma, nemesis e o trágico nas tragédias do ciclo tebano**. 2015, Lisboa. 255p. Tese (Doutorado) - Universidade de Coimbra, Lisboa, 2015.
- DETIENNE, Marcel. **A Escrita de Orfeu**. Tradução: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- __. The Metamorphoses of Autochthony in the Days of National Identity. **Arion: A Journal of Humanities and the Classics**, Third Series, v. 16, n. 1, p. 85-96, spring - summer, 2008.
- __. **Comparer l'incomparable**. Paris: Editons du Seuil, 2009.
- __. **L'Identité nationale une énigme**. Paris: Gallimard, 2010.
- __. **Os Gregos e Nós. Uma antropologia comparada da Grécia Antiga**. Tradução Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Loyola, 2008.
- __. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DOODS, E.R. **Os Gregos e o Irracional**. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002.
- ESPAGNE, Michel. Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle. **Gèneses**, [s.l.], n. 17, p. 112-121, sep. 1994.
- ÉSQUILO. **Os Sete contra Tebas**. Tradução do grego e prefácio de Donald Schüller. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.
- EYLER, F. M.S. (Org.). **A Vida, a Morte e as Paixões no Mundo Antigo: Novas Perspectivas**. Rio de Janeiro: Cassará, 2012.

- GELLNER, E.; BREUILLY, J. **Nations and Nationalism**. 2^a. ed. Londres: Blackwell Pub, 2006.
- GREEN, Nancy. L'histoire comparative et le champ des études migratoires. **Annales ESC**, n. 6, p.1335-1350, nov.-déc., 1990.
- GROTTANELLI, Cristiano. Review. The Invention of Mythology. **History of Religions**, v. 25, n. 2, p. 176-179, nov. 1985.
- HARRISON, Robert Pogue. The Ambiguities of Philology. **Diacritics**, v. 16, n. 2, p. 14-20, summer 1986.
- JOLY, F.D. Marcel Detienne e o experimento da comparação. **Cultura Histórica & Patrimônio**, v. 2, n. 1, p. 49-58, 2013.
- KOCKA, Jurgen. Comparison and beyond. **History and Theory**, v. 42, n. 1, p. 39-44, fev. 2003.
- LORAUX, Nicole. **L'Invention d' Athènes**. Paris: Mouton, 1981.
- MAIER, Charles. La Historia Comparada. **Studia Historica. Historia Contemporanea**, v. X-XI, p. 11-32, 1992-1993.
- MORAES, Alexandre Santos de. Marcel Detienne e os Caminhos do Comparativismo. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2009. Disponível: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/125/117>>. Acesso em: 03 mar. 2013.
- PESCHANSKI, Catherine D. et al. **Gregos, Bárbaros e estrangeiros**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- RAGIN, Charles C. Making Comparative Analysis Count. **Revista de História Comparada**, v. 1, n. 1, p. 1-10, jun. 2007.
- RICŒUR, Paul. Histoire et mémoire: L'Écriture de L'Histoire et la Représentation du passé. **Annales. Histoire Sciences Sociales**, v. 55, n. 4, p. 731-747, 2000.
- RÜSEN, Jörn. A Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (Org.) **A História Escrita: teoria e história da Historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.
- THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História Comparada: olhares plurais. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-23, jun. 2007.

THUCYDIDE. **La Guerre du Péloponnèse**. Tomes I-V. Livres I-VIII. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris: Les Belles Lettres, 2003 -2009.

TILLY, Charles. Equipamiento Intelectual. *In: __. **Grandes estructuras, procesos amplios, comparaciones enormes***. Rio de Janeiro: COMUT/Alianza, 1984.

TREBITSCH, Michel; GRANJON, Marie-Christine (Dir.). **Pour une histoire comparée des intellectuels**. Bruxelles: Complexe, 1998.

VERNANT, J-P. **Mito & Pensamento entre os gregos. Estudos de psicologia histórica**. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

WHITE, Hayden. **Meta-história**. São Paulo: Edusp, 1992.

ZIMMERMANN, Bénédicte. Histoire croisée and the making of global history. (EHESS, Paris); Conférence **Global History, Globally**, Cambridge, Havard University, 8-9, février 2008.

ENDEREÇOS PARA CORRESPONDÊNCIA:

Maria Elizabeth Bueno de Godoy

Rua Constantino Frugoli 386. Belém - Taubaté – SP. CEP: 12090-760.

Gustavo de Andrade Durão

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História.

Rua Marquês de São Vicente, 225. Gávea. CEP: 22451900 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil